

**4º Domingo da Quaresma (31.3.2019)**

**O filho pródigo, o pai e o irmão fiel.**

**Como nos vemos em nosso cotidiano?**

Irmãs e irmãos, saúde e paz para todas e todos vocês!

Neste quarto domingo da Quaresma, mantemo-nos na caminhada rumo à Páscoa, imbuídos de nossa profunda revisão de vida. Seguros da importância de reavaliarmos nossas relações com o outro e com Deus, buscamos, ativamente, o nosso processo de conversão. Lembremo-nos que a conversão não deve ser vista apenas como o arrependimento de ações incorretas, mesmo quando está envolvido o firme propósito de sua não repetição. A verdadeira conversão corresponde a um renascer, uma real transformação, à busca da essência divina existente em cada um de nós, com vistas a uma radical mudança nas ações e reações cotidianas.

Refletimos, nas semanas anteriores, sobre a necessidade de conversão, enfrentando as adversidades que se antepõem em nosso caminhar. Fomos convidados a ouvir as Palavras do Cristo Jesus que, se colocadas em prática, possibilitam a verdadeira transformação. Da mesma forma, fomos advertidos, amorosamente, por Jesus sobre a importância e a urgência de tais mudanças, libertando-nos das amarras mundanas, e eliminado a equivocada ideia que vincula a ocorrência das tragédias ou dos graves infortúnios ao castigo divino diante das transgressões individuais.

No Evangelho deste domingo, somos brindados com a tão conhecida parábola do filho pródigo, a mais detalhada dentre todas as apresentadas por Jesus. Pela ganância e polo apego material, o filho pródigo requer sua parte da fortuna familiar e parte em busca dos ilusórios prazeres do mundo. Porém, tal parábola nos apresenta não apenas o exemplo do iludido e limitado filho, mas, também, a postura do amoroso e paciente pai, bem como a do irmão mais velho que, por sua conduta correta cotidiana, se sentiu injustiçado com a festiva recepção decorrente da volta do irmão que estava à deriva. Os três, com suas distintas ações e reações, estimulam em nós profundas reflexões sobre as nossas condutas cotidianas. Tais exemplos são extremamente importantes para nos auxiliar em nossa autorreflexão neste período quaresmal.

Convido-os, então, a refletirmos juntos sobre o texto em questão, buscando em nossa vida a sua aplicação cotidiana. Para tanto, com vistas a facilitar nossa reflexão, apresento a seguir a referida passagem para nossa leitura.

1Aproximavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para ouvi-lo. 2Os fariseus e os escribas murmuravam: “Este homem recebe e come com pessoas de má vida!”.

11[Jesus] disse: “Um homem tinha dois filhos. 12O mais moço disse a seu pai: Meu pai, dá-me a parte da herança que me toca. O pai então repartiu entre eles os haveres. 13Poucos dias depois, ajuntando tudo o que lhe pertencia, partiu o filho mais moço para um país muito distante, e lá dissipou a sua fortuna, vivendo dissolutamente. 14Depois de ter esbanjado tudo, sobreveio àquela região uma grande fome e ele começou a passar penúria. 15Foi pôr-se a serviço de um dos habitantes daquela região, que o mandou para os seus campos guardar os porcos. 16Desejava ele fartar-se das vagens que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava. 17Entrou então em si e refletiu: Quantos empregados há na casa de meu pai que têm pão em abundância... e eu, aqui, estou a morrer de fome! 18Vou me levantar e irei a meu pai, e lhe direi: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; 19já não sou digno de ser chamado teu filho. Trata-me como a um dos teus empregados. 20Levantou-se, pois, e foi ter com seu pai. Estava ainda longe, quando seu pai o viu e, movido de compaixão, correu-lhe ao encontro, o abraçou e o beijou. 21O filho lhe disse, então: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho. 22Mas o pai falou aos servos: Trazei-me depressa a melhor veste e vesti-lha, e ponde-lhe um anel no dedo e calçado nos pés. 23Trazei também um novilho gordo e matai-o; comamos e façamos uma festa. 24Este meu filho estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado. E começaram a festa. 25O filho mais velho estava no campo. Ao voltar e aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças. 26Chamou um servo e perguntou-lhe o que havia. 27Ele lhe explicou: Voltou teu irmão. E teu pai mandou matar um novilho gordo, porque o reencontrou são e salvo. 28Encolerizou-se ele e não queria entrar, mas seu pai saiu e insistiu com ele. 29Ele, então, respondeu ao pai: Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir ordem alguma tua, e nunca me deste um cabrito para festejar com os meus amigos. 30E agora, que voltou este teu filho, que gastou os teus bens com as meretrizes, logo lhe mandaste matar um novilho gordo! 31Explicou-lhe o pai: Filho, tu estás sempre comigo, e tudo o que é meu é teu. 32Convinha, porém, fazermos festa, pois este teu irmão estava morto, e reviveu; tinha se perdido, e foi achado”. (Lc 15: 11-32)

A passagem bíblica de hoje ocorre, igualmente a da semana passada, durante a viagem de Jesus à Jerusalém (cf. Lc 9,51-19,28), viagem esta que não se configura apenas um percurso físico geográfico percorrido, mas, principalmente, uma caminhada espiritual, preparatória para o glorioso momento pascoal. Tal caminhada, que ocorrera historicamente com os dicípulos ladeando Jesus, mantém-se sempre presente, para qual somos convidados por nosso Senhor a nos juntarmos a Ele como seus seguidores, vivenciando sua Verdade e testemunhando seus ensinamentos, por palavras e exemplos de vida. Jesus dirige sua palavra, ao longo do referido percurso, a todos os seus seguidores, de todos os tempos, com vistas à correta compreensão dos valores do Reino, convidando-nos a assumi-los como nossos e a vive-los em nosso dia-a-dia. Cristo Jesus não está preparando somente os discípulos que, à época, o acompanham, mas a todos nós que nos propomos a segui-Lo para dar continuidade à construção do Reino, disseminando sua proposta salvífica a todas as pessoas, para sermos seus mensageiros e fieis testemunhas de suas palavras libertadoras.

A parábola do filho pródigo, possivelmente, é uma das mais conhecidas e, com certeza, a que possui, em sua narrativa, a maior riqueza de detalhes. Adequa-se perfeitamente ao propósito do período quaresmal, no qual somos convidados a rever nossas ações. Para tanto, com já apontamos acima, Lucas nos traz, na fala de Jesus, importantes exemplos de vida para nossa reflexão: o pai, com sua amorosa paciência e compreensão; o filho pródigo, com sua limitação e seu apego, aprisionando-o às coisas do mundo, mas capaz de se arrepender e rever suas atitudes, possibilitando-o a, humildemente, retornar ao caminho correto junto ao pai; e o irmão mais velho, sempre correto e fiel, apresentando dificuldade em compreender a limitação e o erro alheio, impedindo-o de perdoar e de acolher, incondicionalmente, o irmão arrependido. Utilizemos esta rica parábola, com seus personagens, para refletirmos a respeito de nossas posturas diante dos acontecimentos cotidianos.

Em diversos momentos de nossa vida, reconhecemo-nos como o irmão mais velho, na condição de filhos fieis e injustiçados, quase que esquecidos apesar de tudo que fazemos, sem o devido reconhecimento por todo o bem que praticamos, mesmo frequentando rotineiramente os cultos, as celebrações religiosas e na prática frequente da oração. Ao mesmo tempo, convivemos com pessoas que agem de forma distinta e, apesar disso, são muito mais bem aquinhoados pelo “destino”, recebendo, segundo o nosso juízo, bônus desproporcionais, desmedidos, descabidos e, até mesmo, injustos diante de suas ações.

Por nos considerarmos corretos e fieis, avaliamos e julgamos o próximo sem o menor constrangimento, sem o menor cuidado, entramos na seara alheia sem a menor cerimônia, como se fossemos capazes de, ampla e profundamente, analisar os fatos, as razões e tudo o que moveu aquela pessoa a fazer o que está fazendo, a dizer o que está dizendo, a reagir da forma que está reagindo. Somo ávidos em olhar, avaliar, julgar e condenar, destinando um tempo enorme no julgamento do próximo que deveria ser direcionado aos nossos atos, à nossa vida, à avaliação de nossa conduta diária. Assim, como o irmão mais velho, julgamos o filho pródigo, desconhecendo suas limitações, a razão da sua partida, dos seus atos e do que se passa no seu coração e na sua mente. Somos juízes e carrascos com perfeição para o outro, faltando-nos, frequentemente, olhares compassivos e compreensivos, ao menos condescendentes. Faltando-nos, acima de tudo, a tão importante auto avaliação.

Chegamos, mesmo que não admitamos, a nos sentir “roubados” e iludidos pelo Altíssimo, pois O questionamos e, igualmente, O criticamos, mesmo não nos dirigindo diretamente a Ele, pois, somente pelo fato de questionarmos o outro, suas ações e o que, por conta delas, eles são merecedores, estamos, indiretamente, questionando o Todo Poderoso. Igualmente ao irmão mais velho da parábola, questionamos, direta ou indiretamente, o Pai Eterno, somente pelo fato de nos sentirmos injustiçados, pelo nosso julgamento, nossas críticas, nossos preconceitos, enfim, de nossa atitude pouco ou nada compassiva para com o próximo.

Estejamos certos que, direta ou indiretamente, estamos nos comunicamos com o Divino, mesmo quando nossa fala ou nossos pensamentos e sentimentos não estão direcionados a Ele, pois tudo que fazemos, inclusive o julgamento e a falta de compaixão para com nossos irmãos, estamos fazendo para com o Criador, não por Ele possuir sentimentos humanos de tristeza, revolta, rancor ou mesmo a sensação de estar sendo injustiçado, mas porque Ele está presente e vivo em cada um de nós, inclusive naqueles que julgamos, criticamos e condenamos. Apenas Ele tem o pleno conhecimento das verdadeiras razões de tudo que ocorre com cada um de nós, realidade absolutamente fora de nossa limitada consciência.

Assim como o filho mais velho, somos aparentemente fieis ao Pai no trabalho, mas verdadeiramente infiéis a Ele na nossa relação para com nosso irmão.

Além do papel do irmão fiel, que tão frequentemente exercemos, vemo-nos, também, constantemente, na condição do próprio filho pródigo.

Quantas vezes queremos o que acreditamos ser de nosso merecimento, de nosso direito? Quão frequente almejamos intensamente algo colocando como condição *sine qua non* para que possamos seguir em frente, de acordo com o que acreditamos ser o melhor, de acordo com nossa avaliação egoísta e egóica? Não nos encontramos, comumente, segundo nossos interesses pessoais, ludibriados pelos encantamentos do mundo, envolvidos por condutas hipócritas de uma sociedade que busca o prazer individual? Não enaltecemos, com frequência, o poder aparente, jogando holofotes sobre os que subjugam, comandam e conquistam pelo poder da força? Não partilhamos de uma sociedade discriminadora, que sorri para os belos e fortes e esquecem os fracos e oprimidos, invejando os mais aquinhoados e desprezando os necessitados?

Muitos, para expiação de suas falhas e para amenizar o remorso de seus atos, dão esmolas, ajudam necessitados que a eles se aproximam, disponibilizando migalhas de suas posses. Realidade esta que nos traz à mente a passagem bíblica da oferta da viúva, ínfima doação comparada a do homem de posses, mas, de fato, com um valor muito maior, pois ela não estava dando as sobras do que tinha, mas parte do que, certamente, lhe faria falta, é a divisão do pouco que tem com os que têm menos ainda. O quanto não somos pródigos, também, e agimos igualmente àqueles que condenamos?

Utilizar os recursos com os ilusórios prazeres do mundo enquanto milhões de irmãos não possuem o básico para viverem não seria a mesma atitude do filho pródigo, a quem tanto criticamos e condenamos, até porque, como já vimos, nisso nós somos ávidos e eficientes?

Pois bem, além dos irmãos: o supostamente correto e o pródigo, a parábola apresentada por Jesus descreve, também, a figura do amoroso pai. Ele não prendeu o filho que lhe comunicou a saída, impedindo sua partida e o desperdício do que acreditava ser seu. O pai respeitou a sua vontade e a sua decisão de buscar os seus caminhos próprios, mesmo que, claramente, se evidenciava uma rota de fracasso e destruição pessoal. Apesar disso, ele o respeitou e, com certeza, entregou-o nas mãos do Senhor, pois essa é a verdadeira atitude de alguém que ama com fé.

Após o abandono, o pai continuou a vida, a luta diária, a participar da construção do reino de Deus, até o dia que viu o retorno do filho que o havia abandonado, a volta do filho pródigo.

O pai o criticou, agrediu-o, deu lições de moral ou apontou a grande falha que o filho havia cometido, partiu para julgá-lo e condená-lo? Não!! Apenas o amparou, recebeu o filho amorosamente, independentemente do que havia feito. Nem uma palavra áspera, nem uma lembrança do mal feito, sequer uma mínima reprimenda, nada, somente o abraço, a acolhida compassiva e plena de amor.

Não se preocupou com a justiça dos homens, com a diferente postura dos irmãos, com o que ele merecia ou não, ao ser comparado com o filho que, até então, tinha sido fiel ao pai. Somente demonstrou a plena felicidade com o retorno daquele que havia se perdido, que havia partido para a infelicidade e que, naquele momento, renascera.

Quantas vezes, queridas irmãs e queridos irmãos, vemo-nos na figura desses três personagens em nossa vida?

Que todas e todos fiquem em paz!

Pe. João Milton Menezes